

SESSÕES DO PLENÁRIO

60ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 31 de agosto de 2018.

PRESIDENTE: DEPUTADA MARIA DEL CARMEN LULA (AD HOC)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula):- Vamos iniciar nossa sessão, esta sessão tão importante para todas nós.

Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial de outorga do Título de Cidadã Baiana à ex-ministra da Secretaria Especial, ex-ministra, mas para nós a legítima ministra, a Sr.^a Eleonora Menicucci de Oliveira, proposta da minha autoria.

Convido para compor a Mesa a Sr.^a Deputada Estadual Neusa Cadore, minha colega, amiga, companheira, que queremos ver nesta Casa em 2019; a Sr.^a Secretária de Política para as Mulheres Julieta Palmeiras, que representa, neste ato, o governador do estado, Rui Costa, obrigada, Julieta, pela sua presença; a Sr.^a Secretária de Promoção da Igualdade Racial Fabya Reis, seu trabalho, Fabya, de aplausos; a Sr.^a Coordenadora do Centro de Apoio Operacional dos Direitos Humanos, promotora Márcia Teixeira, representando a Procuradora-Geral de Justiça do Estado da Bahia, Ediene Santos Lousado, bem-vinda, Márcia; a Sr.^a Prefeita da cidade de Lauro de Freitas, Moema Gramacho, nossa amiga querida, representante feminina das prefeitas municipais; a Sr.^a Representante das Mulheres do MST e a primeira secretária estadual de mulheres, Vera Lúcia Barbosa; a Sr.^a Representante de vários movimentos feministas Katiuscia Almeida, nossa amiga.

Solicito ao Cerimonial que conduza a este recinto a nossa homenageada, a Sr.^a Eleonora Menicucci de Oliveira. (Palmas)

(A homenageada é conduzida ao Plenário.)

(O Plenário se manifesta.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula):- Convido a todos os presentes a acompanharem a execução do Hino da Bahia, com a banda A Mulherada.

Queria registrar a presença do vereador Sílvio Humberto, agradecer a sua presença.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula):- Eu pensei que ela já tinha saído, queria registrar a presença da vereadora Marta Rodrigues, que não está aqui na Mesa conosco. Por favor, Martinha, eu sei que você vai sair daqui a pouco, mas

venha para cá para que a gente possa tirar uma foto com a sua presença, mesmo que você tenha que sair por uma questão maior, que a gente sabe que é uma questão de família. (Palmas)

Eu vou pedir aqui à deputada Neusa Cadore para assumir a condução dos trabalhos, enquanto eu falo um pouquinho para vocês.

(A Sr.^a Deputada Neusa Cadore assume a Presidência da sessão.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore):- Bom dia a todas, bom dia a todos, então com a palavra a proponente desta sessão histórica, que muito nos orgulha, com a palavra, a nossa queridíssima deputada Maria del Carmen.

A Sr.^a MARIA DEL CARMEN LULA:- (Lê) “Bom dia a todas. É com muito orgulho que abrimos esta sessão especial no dia de hoje, em homenagem a Eleonora Menicucci nossa legítima Ministra de Políticas para as Mulheres, porque faz parte de um projeto que elegeu nas urnas a presidenta Dilma Rousseff. Eleonora se tornará, hoje, uma cidadã baiana pelo reconhecimento das mulheres do nosso estado.

Eleonora Menicucci faz parte de uma das conquistas históricas das mulheres sobre o estado brasileiro. A SPM foi construída dentro de um governo popular encabeçado por um operário e veio com entendimento de que estruturas dos poderes institucionais têm responsabilidade sobre a manutenção do machismo, e que devem admitir também o seu papel no enfretamento do machismo e na consolidação de um projeto libertador para as mulheres, a partir do protagonismo delas.

A Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres com status de Ministério foi instituída no dia 1 de janeiro de 2003 no governo do presidente Lula, quando a companheira Nilcéia Freire assumiu o cargo de Ministra-chefe desta Secretaria, incorporando de antemão, o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher à sua estrutura, antes vinculado ao Ministério da Justiça. Este ato, assim como a criação da Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial, são marcos fundamentais das conquistas das mulheres, principalmente das mulheres negras, trabalhadoras, jovens, idosas, com deficiências, rurais, indígenas, quilombolas, ciganas e de povos originários, que passaram da condição de cidadania marginalizada, para atores políticos formuladores, propositores e executores de políticas públicas específicas para as suas realidades.

No ano de 2013, a companheira Eleonora Menicucci assume como Ministra de Políticas para as Mulheres, continuando uma trajetória de companheirismo e luta, iniciada mesmo antes da fundação do Partido dos Trabalhadores.

A criação de um Ministério com função específica de dialogar com os movimentos feministas e de mulheres, organizar as suas demandas, formular, propor e executar políticas para as mulheres, foi um dos principais passos para que pudéssemos compreender a formação da sociedade e do Estado brasileiro, e mais, expuséssemos as feridas abertas de uma sociedade de origem escravocrata, com forte tradição colonial, racista, patriarcal e LGBTfóbica. As mulheres abriram as portas de um novo tempo para o debate político. A partir dali, não deixamos que nenhuma das nossas feridas fossem escondidas, e essa decisão política companheiras, mudou para sempre o ponto de partida das mulheres das novas gerações.

O acúmulo político sobre o impacto da violência doméstica nas nossas vidas privadas e como essa violência afeta toda a vida pública em sociedade, como o machismo é determinante nas desigualdades econômicas e no mundo do trabalho, como se constitui como projeto de poder capaz de exterminar populações inteiras a partir do domínio dos nossos territórios e da natureza, como se reflete nos meios de comunicação, no mundo do trabalho, em nossa sub-representação política, no sexismo impresso na educação doméstica e nas escolas, e como a família pode ser a primeira instituição a nos submeter a esses sistemas de opressões e enfrentamento de tudo isso que conquistamos de 2006 com a Lei Maria da Penha!

Essa lei que homenageia uma grande mulher marcada pela brutalidade da violência doméstica, é, na verdade, uma extensa agenda política da construção da autonomia das mulheres na família. E que coragem a nossa, encarar o dogma da instituição mais disputada em nossa sociedade. Rompemos com o lema de que "em briga de marido e mulher não se mete a colher" e envolvemos como assunto público os Poderes Executivos, Judiciários e Legislativos, poderes tão tradicionais, brancos e masculinos, poderes ideológicos que sustentam esse ideal de família que permite a nossa submissão. Daí, também podemos entender o porquê da luta pela efetivação da Lei Maria da Penha ser tão árdua!

A partir dessa lei, pautamos a criação, expansão e fortalecimento das Varas Especiais de Violência Doméstica, hoje golpeada pelo próprio Poder Judiciário, que por meio da ministra Carmen Lúcia, passou a se chamar "Vara Especial da Paz em Casa", retirando do centro da discussão, a violência sexista nas famílias.

Também conquistamos os núcleos de violência doméstica nas Defensorias Públicas e no Ministério Público, disputamos a criação de mais Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher, conquistamos a Ronda Maria da Penha, lutamos para a efetivação das medidas protetivas e para a prevenção à violência por meio da intersetorialidade com outros Ministérios como o do Trabalho, da Educação, de Combate à Pobreza, das Cidades, dos Esportes, de Direitos Humanos, da Promoção da Igualdade Racial, da Saúde, de Ciências e Tecnologias, e esbarramos, mesmo em nossos governos, com gestões essencialmente formadas por homens, e com a dificuldade de interlocução das nossas políticas para dentro de outras pastas importantes.

Colocamos em xeque o Orçamento Público, o tamanho reduzido das estruturas do nosso Ministério e cobramos prioridade na execução das nossas políticas. Provamos inúmeras vezes que somos ousadas, destemidas e criativas, quando desafiamos o orçamento reduzido e nos fizemos gigantes diante da formulação de políticas de direitos sexuais e reprodutivos, expondo para o mundo o absurdo número de mortes entre mulheres negras e de baixa renda vítimas de abortos clandestinos e inseguros, sendo a principal causa isolada de mortalidade materna no Brasil. Pautamos a humanização do parto e a violência obstétrica, levamos para o campo a Lei Maria da Penha por meio do Projeto Margaridas, e vimos a multiplicação de organismos de políticas para as mulheres nos estados e municípios brasileiros, assim como os Conselhos de Direitos das Mulheres, as suas conferências, e os Centros de Referências Especializados. E como foi fundamental toda essa política para que os

movimentos feministas brasileiros se fortalecessem e se posicionassem diante de todas as questões referentes aos direitos humanos, sociais, culturais e econômicos das mulheres.

O nosso Ministério, e digo nosso, porque nesses 15 anos, foi nesse Ministério que passamos a nos ver em evidência positiva, num sistema político que nos marca pela ausência, nós fizemos presentes nas políticas agroecológicas e de luta pela terra, na luta por moradia das mulheres urbanas, na luta pela reparação histórica da regulamentação do trabalho doméstico; o nosso Ministério, a SPM esteve presente nas grandes lutas por reparação desse país, e por meio da figura corajosa da companheira Eleonora Menicucci, as mulheres que resistiram ao golpe militar, ao cárcere e à tortura da ditadura resistiram mais uma vez a um golpe misógino de um Congresso golpista movido pelo lobby dos bancos, das multinacionais petrolíferas, dos industriários nacionais, das alas reacionárias das igrejas, da mídia das poucas famílias burguesas, e de um Poder Judiciário sedento pela manutenção dos seus privilégios, contra a nossa sempre presente presidenta Dilma.

Ontem fomos mais uma vez surpreendidos pelo machismo quando uma mulher negra é preterida para ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. A escritora e intelectual Conceição Evaristo, com história e trajetória, é preterida por Cacá Diegues. Perde a Academia de Letras de ter entre seus pares pela primeira vez, uma mulher negra.

Ser mulher no Brasil sempre foi sinônimo de rebeldia, subversão e liberdade. Hoje, nós somos a grande frente nacional de resistência democrática, porque é no projeto das mulheres onde cabe a proteção à infância desde o direito de nascer com dignidade até o direito à previdência, são os nossos sonhos a verdadeira utopia de liberdade e libertação, pois somos o choro das fardas escolares manchadas de sangue no morro, somos as filas nas portas dos presídios, dos hospitais, das creches públicas, das vagas de emprego, somos as mãos que carregam os tabuleiros de acarajés, quitutes e balas, somos as lonas pretas que arrombam as cercas no campo e na cidade, nos movimentamos no mundo carregando no corpo a insistência pela vida plena, digna e livre, aprendemos na Bahia com Dandara, Maria Felipa, Filipa de Souza, Maria Quitéria e Joana Angélica que com tiranos não combinam brasileiros corações.

Nossos passos vêm de longe, companheira Eleonora Menicucci, e por isso, é com imensa alegria que abrimos esta sessão de hoje com a rebeldia daquelas que desafiaram e desafiam o cárcere, o golpe e as ditaduras nas suas diferentes formas, seja de farda militar ou da toga, ser mulher cidadã baiana é não respeitar a tirania em nome da liberdade de todas as mulheres. Considero aberta a sessão. Lula Livre, pela vida das mulheres!.” (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula):- Cumprimento Neusa por estar aqui neste momento, nesta homenagem.

Ainda não falei de Eleonora; falarei daqui a pouco.

Assistiremos agora à apresentação artística da banda A Mulherada.

Eu queria justificar a quebra do protocolo nas sessões de entrega de Títulos de Cidadão em que só falam quem homenageia e o homenageado. Mas como é uma sessão especial de mulheres, nós tínhamos de quebrar de fato o protocolo, e outros oradores estarão falando.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

Viva a Lei Maria da Penha! Viva Eleonora! Essas mulheres lutadoras, a nossa querida prefeita Moema Gramacho, militante de lá também, minha querida secretária da mulher, todas vocês. Salve, salve! Viva Lula! Lula livre!

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula):- Concedo a palavra a Katussia Almeida. Katussia é corajosa demais, há 5 dias ela fez uma cirurgia.

A Sr.^a KATUSSIA ALMEIDA:- Bom dia a todos.

Sou Katussia Almeida, de Juazeiro, do Norte da Bahia, sou ribeirinha, lá do Sertão, sou mãe solo, militante do movimento social, e através do mandato de Maria del Carmen eu aprendi várias coisas. Inclusive, eu digo nesta Mesa aqui, contemplo a todas que são minhas queridas, amigas literalmente, do peito, todas sem dispensar uma, certo? Que eu com a militância aprendi a enfrentar o maior momento da minha vida, hoje, que é o câncer, certo? E a dificuldade e o sucateamento do SUS e a realidade de enfrentar isso com o sorriso, bonito, e como diz assim: “segue linda, faz cara de passagem, e enfrenta. (Palmas)

Nem sempre é fácil, porque aos insensíveis nós somos criticadas da seguinte forma: está fazendo isso para aparecer, está fazendo isso para se promover. Só sabe quem passa, não é isso, Martinha? E quem tem alguém na família passando por este momento.

Desde 2016 fui acometida por um câncer e nesta Casa, aqui, em outro Plenário anunciei, numa sessão do Outubro Rosa que eu estava acometida com câncer, e venho lutando há três anos. Agora recente, segunda-feira fiz um parto quíntuplo, tirei os dois ovários, as duas trompas e o útero para continuar ainda viva, porque o SUS nos dá a condição de tomar um remédio por nome chamado Tamoxifeno, que é uma relação, eu digo que é uma união estável opressora que aos poucos ele vai desgastando o nosso organismo e vai fazendo a gente sofrer.

Como só tenho 40 anos ainda, pode não parecer, mas ainda sou novinha, (risos) Então eu quero dar muito trabalho ainda e quero hoje e vim pedir aqui a vocês e fiz questão, estou proibida, estou toda praticamente aberta, literalmente aqui embaixo, cheia de pontos, e eu não poderia estar aqui, mas fiz questão de estar para pedir a vocês para prestarem atenção nesse momento em que nosso país está passando.

Estão nos tirando todos os direitos, principalmente da nossa saúde, principalmente nas políticas de saúde das mulheres. O que sobra para gente, na saúde de política para as mulheres, é o resto do resto. Então, agora, hoje, mesmo, quando eu sair daqui estarei indo enfrentar uma batalha e depois estarei sentando com a Dr.^a Márcia, são 110 mil mulheres da Região Norte, da região de lá, que não terão mais assistencialidade ao SUS, entenderam? Vocês sabem o que é isso, cento e dez mil mulheres?

Então o Hospital São Raphael agora não atende mais pobres! SUS lá não passa nem na calçada! E para onde vamos?

Não estou aqui para puxar saco de ninguém, quem me conhece sabe o meu perfil. A gente ainda tem a sorte de ter o Hospital da Mulher, que atende a 417 municípios, Sra. Ministra, que vou continuar lhe chamando sempre assim, com a maior honra, certo? Ele não está suportando os 417 municípios, não é, secretária Julieta Palmeiras? Isso ocorre porque a nossa realidade é grande. Fiz questão de trazer uma companheira que trabalhou em Manicoba e em Mandacaru, interior de Juazeiro, no corte de uva, ela sabe muito bem como é a vida dessas mulheres lá dentro; elas estão adoecendo. Por quê? Por causa do grande consumo de agrotóxicos. Mas ninguém está cuidando delas.

Agora, quando a gente for colocar o nosso voto na urna – mudei tudinho aqui o que eu ia dizer –, a gente tem de pensar quem é esse candidato. Se for masculino, o que ele faz pelas mulheres, qual é a pauta dele, ele está presente, ele se preocupa com a saúde da mulher? Qual é a proposta dele para as mulheres? Porque nós precisamos garantir a presença das mulheres. Precisamos estar presentes nestes espaços de discussão; principalmente no espaço de poder e da política, porque o câncer, gente, é uma realidade que não muda.

Muitas aqui estão ouvindo mais uma vez o meu relato – não estou desejando isso a ninguém –, mas amanhã pode ser com uma de vocês. A gente jamais imagina que vai acontecer, mas acaba acontecendo.

A mamografia é um exame fundamental e insubstituível. A gente nunca pode deixar a mamografia para depois, porque ela é o dia rosa da gente; a gente precisa fazer a mamografia. Quem se cuida, vive mais para amar quem cuida, certo? Essa é a minha pauta.

Essa luta não é só para as mulheres; é em defesa da vida. Temos lá o Instituto de Prevenção Ivete Sangalo, mas nesse instituto a gente atende nove municípios, até Campo Alegre de Lourdes – alguém aqui já ouviu falar desse município? É bem longe, igual à Terra do Nunca, parece que a gente nunca chega, mas acaba chegando a Campo Alegre de Lourdes.

Precisamos garantir as prioridades, ou seja, os exames laboratoriais, as condições e respeito, Srs. Prefeitos, Srs. Vereadores, Srs. Deputados e Sr.^a Deputadas às casas de apoio a essas mulheres. Elas estão passando por situações diversas: fome, dormem na rua, tomam radioterapia e passam noites em claro.

Gente, agradeço este momento da minha fala. Acabei mudando tudo pelo sentimento de olhar para vocês e estar aqui hoje, em plena sexta-feira. Eu nem tomei a benção aos mais velhos. Peço perdão, peço malê, peço a benção aos mais velhos, e quero dizer que o Ministério de Políticas para as Mulheres, que surgiu há 15 anos, construiu em nossos corações, em nossas vidas... Tiraram nossos espaços, mas não tiraram a nossa luta, porque a nossa luta é todo dia, é diária.

Agradeço a presença e a paciência de todas vocês. Quero parabenizar essas meninas lindas da banda A Mulherada, que abrilhantaram este evento lindo; desejo muita luz e muito sucesso no caminho de vocês. Deixo um recado para vocês,

mulheres: cuidem da sua saúde, porque o câncer não escolhe nem cor, nem classe, nem idade, nem religião. Ele se esconde da pior forma possível. Eu não tinha nenhuma predisposição para ter a doença, mas eu descobri e continuo aqui por insistência e providência divina.

Obrigada a todas e a todos. Tenham um bom dia. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula):- Concedo a palavra a nossa prefeita Moema Gramacho.

A Sr.^a **MOEMA GRAMACHO**:- Primeiramente, Lula presidente! (Risos) (Palmas)

Para ganhar tempo, vou saudar toda a Mesa na pessoa da nossa deputada Maria del Carmen, autora desta sessão, sintam-se todas cumprimentadas; cumprimento todas presentes ao Plenário saudando A Mulherada. Parabéns!

Vou tentar ser bastante rápida, apesar de o momento ser muito rico e exigir de nós falar tanta coisa. Mas eu queria dizer que tenho uma inveja enorme, Maria, de você, porque eu não consegui dar um Título de Cidadã Baiana a uma mulher nesta Casa Legislativa, apesar dos três mandatos que tive como deputada estadual.

Em compensação... Só dei dois títulos de Cidadão Baiano nesta Casa: o primeiro, ao homem que criou a Secretaria de Políticas para as Mulheres do Estado da Bahia, Jaques Wagner. (Palmas) E o outro, nada mais nada menos, foi para Luiz Inácio Lula da Silva. (Palmas)

Então estou duplamente perdoada, não estou? Foram os dois únicos Títulos de Cidadão Baiano que dei. O terceiro que eu ia dar, e não dei, seria para Luiz Mott. Não consegui porque esta Casa, enrustida, machista, negou o Título de Cidadão Baiano a Luiz Mott porque ele é gay. Foi isso, os enrustidos desta Casa negaram-lhe. Depois que eu saí, Lídice pegou a minha proposta e replicou, e aí deu e me chamou para vir junto entregar o Título. Eles amadureceram mais um pouquinho depois e resolveram dar o Título. (Risos)

Mas esse preâmbulo é somente para dizer o quanto eu tenho inveja por você poder trazer para cá, neste momento, alguém que – conforme aquela música Que nem o Velho Chico: “Vem de Minas” – vem de Minas para receber este Título de Cidadã Baiana.

Com muito orgulho, a gente recebe aqui, através de Maria del Carmen, Eleonora Menicucci para receber este Título de Cidadã Baiana, extremamente merecido por todas as lutas que fez pelo Brasil, pelas mulheres da Bahia. Na verdade, pelas mulheres brasileiras como um todo, mas as baianas se sentem devidamente representadas por você, Eleonora.

Queria dizer que Eleonora, além de ser uma professora que tem mestrado em Sociologia e doutorado em Ciência Política, é uma eterna militante. Acho que esse é o maior trunfo que nós podemos dizer de Eleonora, que é essa militante firme. Ela, que sofreu com aquela ditadura lá atrás, continua sofrendo até hoje, porque a ditadura

não acabou, só mudou de forma. Ela foi presa e torturada junto com a nossa presidenta Dilma, mas nunca mudou de lado. É esse o grande trunfo que nós temos ao estarmos homenageando aqui Eleonora Menicucci.

Em 2012, como secretária de Políticas para Mulheres, e depois, a partir de 2013, como ministra no governo Dilma, fez muito pelas mulheres brasileiras com sua luta. Mesmo antes de ser secretária e de ser ministra, ela ajudou Lula a ouvir os gritos das mulheres e a sancionar a Lei Maria da Penha. Olha a sensibilidade de Lula, ele foi o único que conseguiu ouvir, efetivamente, o grito das mulheres que eram mutiladas, que eram assassinadas, e sancionou a Lei Maria da Penha.

E foi também com o apoio de Eleonora que nós – aí eu já estava na Câmara Federal – conseguimos, no governo da presidenta Dilma, sancionar a Lei do Feminicídio. (Palmas)

Eleonora tem uma passagem extremamente importante na construção das leis e das políticas públicas voltadas à defesa das mulheres, à luta contra a violência à mulher e para todas as outras lutas em defesa dos direitos das mulheres. Também para a criação Casa da Mulher Brasileira; até tive a oportunidade, junto com Eleonora, de visitar uma dessas casas tão importantes para as mulheres vítimas de violência ou ameaçadas de violência.

Eleonora, é muito importante tê-la conosco, mas queria deixar aqui o meu depoimento para todas as mulheres baianas. Vivemos momentos extremamente difíceis na Câmara Federal no período do segundo golpe. Você superou o golpe de 64, mas teve que conviver conosco o golpe de 2016. O golpe dado para tirar uma mulher eleita e reeleita presidente da República, um golpe machista, sexista, preparado para se consolidar agora em 2018. Aquele golpe só foi possível porque foi perpetrado contra uma mulher. Sabemos disso, até porque eu era coordenadora do Núcleo de Mulheres do Partido dos Trabalhadores.

Quero dizer a vocês: todos os convites que fizemos a Eleonora, quando era ministra, para estar conosco lá na Câmara discutindo diversos temas, ela nunca se furtou a estar presente, porque era uma ministra militante.

Mas, Eleonora, queria dizer que sofremos juntas momentos dos mais difíceis. E um dos piores momentos foi sair daquele Palácio do Planalto com Dilma. (A oradora se emociona) Não foi por apego ao Palácio do Planalto, foi porque naquele momento nós estávamos vendo uma agressão à mulher, uma agressão à democracia brasileira. (Palmas) E você estava lá colada, junto, lutando contra mais este golpe no Brasil.

Eleonora, você está no que estão fazendo agora. Este outro golpe é manter Lula preso sem ter cometido crime algum!

Hoje pela manhã, eu estava ouvindo o jornal. E, mais uma vez, fazem isso para tentar interferir no processo eleitoral, quando querem, de novo, imputar uma multa de 31 milhões por conta do triplex que Lula nunca nem entrou um dia sequer, pois o triplex, legalmente, é da OAS. E, mais uma vez, eles fazem isso para tentar impedir. No entanto, Lula é como aquele bolo que a gente faz em casa, qual seja, quanto mais a gente bate, mais a massa cresce e mais o povo o apoia.

E, assim, eu vou finalizando, já, Maria.

Por outro lado, eu gostaria de dizer que nós temos de estar atentos a uma ameaça pela qual as mulheres brasileiras estão passando. Vejam, esta candidatura está posta como misógina, marxista, racista, entreguista, e tudo que é “ista”. Se esta candidatura conseguir chegar à vitória neste processo eleitoral, a democracia estará ameaçada!

As mulheres sofrerão, porque será um estupro à democracia, repito, um estupro à democracia! Observem, aquele que disse a Maria do Rosário que não a estupraria porque ela era feia e não merecia ser estuprada, ele fará um estupro à democracia se chegar ao Palácio do Planalto! Isso serve de alerta, gente, para a gente intensificar as nossas campanhas e para a gente não permitir isso acontecer.

Portanto, finalizo dizendo que o destino das nossas mulheres e o destino da democracia brasileira estão sendo definidos agora em 2018 nas urnas! E nós precisamos intensificar este processo de campanha.

Portanto, parabênzo, mais uma vez, a deputada Maria del Carmen por este momento oportuno e por nos trazer Eleonora Menicucci, pois ela é o símbolo de luta das mulheres para que nós, mulheres, incorporemos, agora, aqui, uma grande campanha!

Viva Eleonora Menicucci!

Viva Dilma Rousseff, pois será a senadora mais votada de Minas Gerais! Não temos dúvida disso!

E viva Lula livre!

Eu queria fazer um pedido a todas as companheiras. Vamos todos levantar as mãos e garantir um grande coro: Lula livre, Lula inocente e Lula presidente!

(A plateia repete o coro.)

Valeu, gente! (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula):- Eu gostaria de fazer um registro, pois há muita gente aqui de entidades, associações, representação da nossa senadora e candidata a deputada federal Lídice da Mata, representação do Neim e de diversas outras representações. Todos estão aqui com a gente, mas, durante a entrada a este evento, eles não foram registrados. Então, queria agradecer as presenças de todos vocês.

A Mesa, na representação de Fabya, deputada Neusa, Martinha e a promotora Márcia Teixeira, abre mão de falar para a gente poder avançar.

(Alguém da plateia se manifesta.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula):- Não, você não. Você representa o governador.

Então, portanto, eu passo a palavra à secretária Julieta Palmeira que fala em nome das demais secretárias presentes à Mesa, então, nos representa. (Palmas)

Com a palavra Julieta Palmeira.

A Sr.^a JULIETA PALMEIRA:- Bom dia.

Eu queria dizer que, justo neste último dia de agosto, 31 de agosto, é o Agosto Lilás e o Agosto da Igualdade. Não é isso, secretária Fabya Reis? Nós estamos aqui fazendo, antes de tudo, um ato de resistência.

Por isso, eu queria saudar a iniciativa da deputada Maria del Carmen que presta homenagem através deste Título de Cidadã Baiana à nossa ministra Eleonora Menicucci. Isso significa que a Bahia é um território de resistência, ministra. E, ao receber o Título de Cidadã Baiana, a senhora está recebendo um título de uma terra que não convive com golpes, não convive com ditaduras e quer ver os tiranos fora do deste território.

Então, com muito orgulho, eu faço a saudação deste Título de Cidadã Baiana à ministra Eleonora Menicucci.

Trago a saudação do governador Rui Costa e, também, a saudação das secretárias e minhas colegas como Fabya Reis, a querida Fabya Reis, e a queridíssima Lucinha que foi quem me antecedeu e antecedeu a Olívia na Secretaria de Políticas para as Mulheres, pois esta é a mais nova secretaria, ministra, do governo estadual. Esta só tem 7 anos. Estamos construindo esta conquista, pois muitas das mulheres desta Mesa participaram, a exemplo de Moema Gramacho, Neusa Cadore, Márcia Teixeira, Marta Rodrigues e Maria del Carmen, que sempre está ao lado das mulheres.

Queria dizer a vocês que esta resistência hoje, para nós, aqui na Bahia e no Brasil, representa, antes de mais nada, uma questão fundamental, que eu considero fundamental, qual seja, a de que a gente possa manifestar nas urnas a nossa luta, a nossa resistência que é com Lula livre, com Lula, presidente, e Manuela d'Ávila, vice-presidente. (Palmas) Este é o grande *top* da nossa resistência hoje.

E, aqui, em âmbito do nosso estado, temos de manter este governo que tem promovido esta resistência e este território de resistência que é a Bahia.

Gostaria de chamar a atenção para um tema. Mais do que nunca, está posta a questão de mais mulheres na política. Nós precisamos manter, aqui na Assembleia Legislativa, a bancada feminina e ampliá-la. (Palmas) Isso não pode ser só um desejo. É preciso ser construído cotidianamente por nós todas, onde estivermos. Digo na secretaria, porque isso se trata de mais mulheres na política. A secretaria é onde se decide a vida das pessoas. Vejam, e onde se decide a vida das pessoas, nós queremos estar.

Eu acho que esta eleição e a bandeira de mais mulheres na política, a garantia dos nossos espaços e a ampliação dos espaços na Assembleia Legislativa do Estado da Bahia e na Câmara Federal, enfim, tudo isso representa hoje uma síntese de tudo o que nós lutamos.

Nós lutamos por equidade de gênero. Nós lutamos por um Brasil de brasileiras e de brasileiros. Isso significa entender que a gente vive em um sistema de desigualdades. Este é um sistema onde estão as desigualdades de raça, as desigualdades de gêneros e as desigualdades sociais pela opressão de classe.

Então é um entrelaçamento desse sistema de desigualdades e desses elementos do sistema de desigualdades. Tudo isso faz com que se levante esta onda das mulheres que têm um protagonismo muito importante das mulheres negras em nosso país hoje, porque são elas as que mais são oprimidas por este sistema.

Então, queria aqui deixar também a minha homenagem às mulheres negras!

Na verdade, a não eleição de Conceição Evaristo para a Academia Brasileira de Letras foi um ponto. A Secretaria de Políticas para as Mulheres agarrou com força essa campanha durante 2 meses ou mais de 2 meses. Isso representa muito a resistência que nós precisamos efetivar.

Digo isso porque Conceição Evaristo é uma premiada escritora e poeta. Ela estabeleceu o conceito da escrevivência que representa nada mais nada menos do que a realidade das mulheres brasileiras e mais, das mulheres que estão na resistência dos quilombos e na resistência, hoje, das mulheres negras pós-abolicionistas. Portanto, isso é muito significativo para nós.

Eu acho que isso mostrou que o sistema é bruto. Não é um problema só da literatura. É um problema do sistema e de uma literatura que se diz universal, de uma academia que defende um sistema universal, mas que, na realidade, é um sistema excludente. São critérios excludentes por não acatar uma escritora premiada, valorosa, enquanto literatura em suas escrevivências, poder representar e poder ser representada na Academia Brasileira de Letras. Então eu queria deixar isso registrado.

Ao encerrar, gostaria de dizer que isso é um símbolo. Se quisermos sintetizar a situação das mulheres hoje em nossa sociedade, isso representa, em primeiro lugar, a necessidade de acabar com a sub-representação feminina nos espaços de decisão. Deveremos lutar por mais mulheres na política, a fim de revertermos esta situação de sub-representação nos espaços legislativos em todos os níveis e, também, no Executivo.

Em segundo lugar, deveremos lutar cotidianamente contra essas expressões de racismo estrutural, de efetivamente desigualdades de opressão a que as mulheres estão submetidas. E quando estou dizendo mulheres, estou dizendo mulheres cis, mulheres lésbicas, mulheres bissexuais e mulheres trans. Porque nós somos o diverso. E o belo é exatamente o diverso e é isso que a Academia Brasileira de Letras não consegue entender: que o belo não é um belo do elitismo. Ele é universal, porque exatamente tem que contemplar a diversidade.

E é isso que nós, mulheres, queremos hoje e é isso que representa esse Título de Cidadã à nossa ministra, sempre ministra Eleonora Menicucci, que aqui também representa a nossa presidenta Dilma Rousseff. Porque é um ministério da nossa presidenta Dilma Rousseff, que saiu por um golpe institucional, jurídico e midiático. E com um grande recorte de gênero que nós podemos constatar ao longo desse processo.

Por isso a minha homenagem a Eleonora Menicucci e a nossa presidenta Dilma Rousseff.

Lula Livre! E vamos em frente por mais mulheres na política e nos espaços de decisão na sociedade.

Obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a MARIA DEL CARMEN LULA:- Como eu tinha dito que estávamos quebrando o protocolo, falei no início sobre toda a questão feminista e sobre a trajetória, mas não falamos sobre a nossa homenageada. Justificamos apenas o porquê da escolha e da decisão de oferecer o Título de Cidadã Baiana à nossa ministra, mas não falamos da sua trajetória. Portanto solicito à deputada Neusa que aqui assuma um pouquinho enquanto eu justifico essa nossa homenagem.

A nossa prefeita Moema Gramacho iniciou o processo de registrar aqui, para todas e para todos que estamos aqui, a trajetória e biografia da nossa homenageada. Mas eu não queria deixar de me referir a ela ainda, pela importância de ela estar aqui nesta Casa, no dia de hoje, neste momento político que estamos atravessando. Momento tão complexo e difícil que fez com que nossa prefeita se emocionasse e Julieta também se emocionasse. É importante, porque nós, as mulheres, temos a capacidade de nos emocionar e de não esconder essas emoções, de fazer com que elas apareçam, se mostrem, como elas de fato são.

Eleonora, já foi dito por Moema, nasceu lá em Minas, tem uma trajetória brilhante como socióloga, como inclusive pós-doutora. Tem toda uma trajetória. Mas ela – sempre lutadora e sempre militante, como disse Moema – viveu aquele momento duro do Golpe de 64. Toda a sua militância a levou, em 1971, a ser presa. E, nesse período em que esteve presa, (lê) “(...) conheceu o horror do embrutecimento do sistema político e do fim da democracia, mas viveu de perto também naquela época o significado de solidariedade e feminismo com outras presas, como estava naquele momento lá a presidenta Dilma Rousseff, com quem partilhou, mesmo sob um regime de ódio, a fraternidade entre as mulheres na Torre das Donzelas, como ficou conhecida a ala feminina no Presídio Tiradentes.

Com a vitória da presidenta Dilma, em 2012, Eleonora é convidada para assumir o cargo de secretária-chefe do Ministério de Políticas para as Mulheres, sucedendo a então ministra Iriny Lopes. A posse da ministra é marcada na mídia por uma declaração de que o aborto deve ser considerado uma questão de saúde pública, e essa posição política foi utilizada com força, a partir dali, para dar voz às bancadas conservadoras no Congresso Nacional e fortalecer os ataques ao governo Dilma.

Desde a sua posse, assumiu o compromisso com a agenda dos direitos trabalhistas, da dignidade e igualdade no mundo do trabalho para as mulheres, defendendo a regulamentação do trabalho doméstico ainda em seu discurso de posse.

Assumiu, como ministra, o compromisso com as agendas de combate à feminilização da pobreza, na defesa da inclusão e formação profissional para as mulheres, da efetivação da Lei Maria da Penha, conclamando a parceria do Poder Judiciário, dos setores da saúde, da educação, da assistência social e da comunicação, e projetou, junto aos estados e municípios, a Casa da Mulher Brasileira...”, já aqui falada por Moema, “(...) como uma forma de garantir o atendimento humanizado e digno às mulheres vítimas de violências em um único lugar, concentrando os

serviços, informações e ações necessárias para que toda mulher vítima de violência fosse efetivamente protegida. Esse projeto merece um destaque especial na gestão da nossa ministra legítima, pois com 12 anos da Lei Maria da Penha, as dificuldades na sua efetivação e o não comprometimento de uma parte significativa do Estado brasileiro, o feminicídio entre as mulheres negras registra aumentos absurdos, enquanto diminui entre as mulheres brancas. A falta de proteção, de informações precisas, de atendimento acolhedor e de segurança faz com que as vidas de milhares de mulheres negras sejam ceifadas pelo machismo todos os anos.

O projeto da Casa da Mulher Brasileira ruiu juntamente com 54 milhões de votos. A aliança liderada pela candidatura do PSDB nas eleições de 2014, com os partidos de centro e de direita, de alas mais conservadoras dos setores evangélicos, de grupos reacionários dos fascistas, da mídia tradicional e do grande mercado nacional que surfava na onda da crise econômica internacional encontrou no então vice-presidente Michel Temer a porta de entrada da direita que vinha sendo rejeitada nas urnas pelo povo brasileiro desde 2002, quando começamos a mudar a história desse país com a eleição do presidente Lula.

O ódio às mulheres que encontrou na presidenta Dilma o seu alvo preferencial, mexe com todas nós até hoje”. E mexe tanto que Moema aqui se emocionou. “O Estado brasileiro masculino e branco nunca admitiu um operário no Palácio do Planalto, nunca admitiu uma mulher, ex-guerrilheira, combatente da ditadura, nunca admitiu a companheira Eleonora Menicucci afirmando o feminismo como um projeto de vida necessário na política para qualquer governo que tenha a ousadia em falar de políticas para as mulheres.

A companheira Eleonora Menicucci enfrentou, ao lado da presidenta Dilma, novamente, o desmonte do Estado brasileiro com um golpe na democracia, nos direitos da classe trabalhadora, das mulheres, da população negra, indígena, quilombola, e de povos originários, sob a cortina de fumaça das pedaladas fiscais, ainda que o Ministério Público Federal, a Controladoria Geral da União e o Tribunal de Contas tenham se pronunciado a favor da nossa presidenta. Se, de um lado, enfrentamos a narrativa da crise econômica e da má gestão por parte do Congresso Nacional, da mídia e do mercado, do outro lado, enfrentamos a fúria fascista nas ruas e nas redes sociais vestida de verde e amarelo. Vimos a mídia burguesa construir lideranças forjadas pela força do dinheiro dos bancos, de grandes redes de lojas acusadas de trabalho análogo ao da escravidão de mulheres nas suas manufaturas, de partidos golpistas que fazem hoje dessas lideranças candidaturas que ameaçam todos os direitos já conquistados no país.

Foi nesse contexto de ódio misógino e golpe à democracia que Eleonora Menicucci enfrentou uma dura batalha na justiça, quando foi processada por Alexandre Frota, que durante um programa de TV fez uma declaração de estupro a uma mãe de santo e aquilo se tornou uma piada na plateia. Ao afirmar que apologia ao estupro é crime, foi processada e condenada pela justiça a indenizá-lo. A condenação de Eleonora em primeira instância representa até hoje uma afronta ao mínimo senso de dignidade e respeito às nossas vidas e expôs a justiça machista e conservadora ocupada por homens, ficando para sempre na história como uma das

passagens mais vergonhosas do nosso Poder Judiciário. Mais uma vez, Eleonora se deparou com a injustiça, com a violência de um Estado antidemocrático e machista, mas contou também com a solidariedade de movimentos, coletivos e organizações feministas que se manifestaram por meio de atos políticos, notas públicas e denúncias.

Ao recorrer em segunda instância, Eleonora conseguiu reverter a primeira decisão sobre a sua condenação e dedicou a sua vitória a todas as mulheres.

Esse fato ocorreu em meio a uma grande onda de casos de estupro coletivos e de mobilizações contra a cultura do estupro em todo o país. A vitória de Eleonora sobre um homem que narra um crime de estupro como algo banal e engraçado em um programa de TV é, sim, uma vitória de todas nós, pois representa a longa jornada que percorremos na sociedade, nas nossas famílias e comunidades junto aos poderes do Estado, para defender que qualquer cultura imposta pelo patriarcado que nos violenta, atente contra as nossas vidas, nossos direitos e nossa dignidade não passará.

Essa mesma justiça mantém a principal liderança popular da América Latina encarcerada e não respeita nem a decisão da ONU pela garantia dos direitos do presidente Lula concorrer às eleições, permitindo assim seus direitos políticos. E se o presidente Lula não está correndo os quatro cantos desse país, é porque os golpistas sabem que na democracia o povo brasileiro escolhe o projeto onde pode se ver, onde pode existir de fato, de forma plena e digna. Esse projeto só é possível hoje sob a liderança do presidente Lula, e são as mulheres o principal eleitorado desse projeto. E isso também é parte do legado do governo da presidenta Dilma e do trabalho de mulheres como Eleonora Menicucci.

Continuaremos em cada trincheira de luta, expondo e combatendo cada poder que determine a nossa submissão e exclusão como algo natural. Não nos calaremos, não iremos nos resignar na solidão dos derrotados, retomaremos a memória das lutas de cada mulher que ousa se levantar contra as estruturas do patriarcado, pois as nossas memórias são como a linha do tempo das histórias das mulheres: nos vemos umas nas outras porque o machismo atua nas vidas de todas nós de forma impiedosa, e nós continuaremos a responder com a força da nossa organização política, com a determinação de quem faz a história acontecer, de cabeça erguida porque escolhemos um lado. E estão aqui hoje as mulheres baianas que escolheram o lado da democracia, da liberdade, da autonomia, da dignidade e do confronto com toda a ordem que não nos permita viver os nossos sonhos. E é ao lado das mulheres baianas que tenho o orgulho de poder conceder à companheira Eleonora Menicucci o Título de Cidadã Baiana!” (Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)

(A Sr.^a Deputada Maria del Carmen Lula assume a presidência da Mesa.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula):- Todas ficamos emocionadas aqui porque sabemos e temos a certeza e a convicção de que nós temos um papel extremamente importante para garantir que o nosso presidente volte ao lugar que deveria estar desde o início. Nós todas temos a responsabilidade de fazer com que

Lula seja outra vez presidente deste país. Nós todas temos a responsabilidade de garantir que nesta Casa não tenhamos nenhuma a menos, mas muitas mais aqui conosco. (Palmas.)

Queria agora convidar as companheiras que estão aqui na Mesa para que, juntas, já que não está alguém da família... acho que tem umas amigas da nossa... grandes amigas. Então... e Terezinha... para virem aqui, juntamente conosco, para entregar... Pois é, Terezinha e as três amigas, para virem conosco aqui, a representação das mulheres, entregarem o Título de Cidadã Baiana a Eleonora.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula):- Sempre nós quebrando os protocolos.

É... Diante desses cumprimentos e as emoções que vivemos aqui agora, neste momento, eu queria convidar a banda Mulherada para mais uma apresentação antes que a nossa ministra utilize da palavra...

(Artista faz comentário antes de iniciar apresentação musical:- Quanta emoção, que bom. Quanta história. Quanto história a nossa ministra já viveu; e até hoje, o merecimento desse título. Espero que muitas de nós possamos nos inspirar nela e em tantas outras mulheres que estão fazendo a história acontecer, nosso país mudar, nossa vida e a nossa história. Salve!)

(Procede-se a apresentação musical.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula):- Concedo a palavra agora à nossa ministra cidadã baiana.

A Sr.^a ELEONORA MENICUCCI DE OLIVEIRA:- Eu disse que ouvir a banda estava muito bom, além delas serem fantásticas, acalmava meu coração um pouco assim – não é? – porque...

Eu quero, em primeiro lugar, cumprimentar todas as companheiras que estão aqui, sem exceção. E dizer que tudo, toda minha vida, é em defesa dos direitos das mulheres, e tudo que eu fiz e que eu faço é por nós, mulheres. (Palmas)

Eu quero, deputada Maria del Carmen, dizer da alegria, da emoção realmente de estar aqui. É... está aqui hoje, dia em que se completam 2 anos da maior violência institucional contra uma mulher neste país no qual nós vivemos, que são os 2 anos do golpe que tirou a presidente Dilma e começou essa desgraceira toda neoliberal que termina, se é que termina, com a condenação e prisão do nosso grande líder, o presidente Lula... Eu vou falar um pouquinho sobre isso, é muito simbólico.

E de onde eu saí para vir ontem... Eu coordeno a campanha ao Senado da presidente Dilma, então eu me dei uma folga, cheguei ontem, meia-noite, e volto agora, às 3h, para Uberlândia, onde ela está, e nós vamos fazer o Triângulo Mineiro. Bem! Eu tenho só 15 anos de idade, (risos) eu sou uma jovem idosa. Então, para mim, é muito emocionante estar aqui e receber esse título hoje, porque receber o Título de Cidadã Baiana... como a Moema disse, não se dá para qualquer pessoa. Nós aqui, vocês que ocupam esta Casa, não dão o título para qualquer pessoa.

Eu estou me sentindo muito responsável por mais este Título de Cidadã Baiana, mas, sobretudo, muito feliz, muito alegre e muito comovida por este título. Muito obrigada a todas as baianas, em nome da deputada Maria del Carmen.

Eu cumprimento também a secretária de Política para as Mulheres, a Julieta Palmeira, que aqui representa o governador Rui Costa. Sei da história dessa secretaria desde o início dela porque eu a acompanhei como ministra o tempo todo. Já estive aqui várias vezes – a Lucinha era secretária – entregando os ônibus lilases e fiz homenagem à minha grande amiga Ana Alice Costa. E eu quero aqui lembrar da Ana Alice Costa e da Luiza Bairros, duas grandes baianas. A Luiza é meio abaianada, porque, na realidade, ela é gaúcha, mas ela se adotou e foi adotada pela Bahia. Grandes mulheres.

Quero cumprimentar a deputada estadual Neusa Cadore; a secretária de Promoção da Igualdade Racial, a Fabya Reis; a coordenadora do Centro de Apoio Operacional dos Direitos Humanos, a promotora Márcia Teixeira, representando a procuradora-geral de Justiça do estado, Ediene Santos Lousado. Quero dizer a vocês duas: como deve ser difícil... (inaudível) nessas instituições, mas vocês têm um valor enorme. Parabéns! Parabéns!

Cumprimento, com muito carinho, mas muito carinho, a minha amiga mesmo, a Moema Gramacho. Além dela ser prefeita, deputada, antes e no meio nós nos tornamos grandes amigas, grandes companheiras e cúmplices naquela árida Brasília que enfrentamos. Baixinha como eu, mas esquentada como eu e valente também.

Quero cumprimentar a vereadora da cidade de Salvador, a Marta, (palmas) representante feminina nas Câmaras Municipais. E aqui, ao cumprimentá-la, lembrar que ela veio no meu ouvido, mas eu disse que já estava lembrando do dia da visibilidade lésbica, que nós comemoramos no dia 27, 29, 28... Temos de comemorar todos os dias.

E a nossa querida amiga, a Verinha, Vera Lúcia Barbosa, que foi a primeira secretária de mulheres, e aqui também representante das mulheres do nosso glorioso MST.

Cumprimento todos os movimentos aqui presentes, e também quero dizer da alegria de ter amigas antigas aqui, como a Ana, a Terezinha, a Maria José, a Estela, a Gleice, e de como é importante ter vocês aqui. Cada uma, na sua história, esteve comigo nessa longa trajetória de 74 anos que eu tenho, e, sem dúvida nenhuma, é muito, muito importante tê-las aqui comigo. Cada uma construiu comigo, juntas, num coletivo, parte da história das políticas públicas para as mulheres neste país, ou na sociedade civil ou na secretaria ou no Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, enfim, várias frentes. Isso o feminismo nos ensina. Não importa a frente em que a gente está, e eu falo isso de cátedra.

Eu sou professora titular da Universidade Federal de São Paulo, hoje sênior, e lá fiz da minha carreira acadêmica uma militância na academia. Junto com a Estela, nós batalhamos ferozmente para incluir na CAPS e no CNPQ as linhas de pesquisa de gênero, sexualidade, violência e saúde; colocar isso tudo, cruzar isso tudo, porque não tinha.

No PT, do qual sou militante e fundadora, a dura função, missão de feminista lá dentro, como ministra no Executivo. Você, Maria del Carmen, citou a minha histórica luta pela descriminalização do aborto, e quando eu fui ministra segui as diretrizes políticas do governo, mas não deixei de dizer que o aborto é uma questão de saúde pública, e nenhuma mulher pode morrer por aborto neste país, nenhuma, nenhuma! (Palmas) É a quarta causa de morte materna e a quinta causa de internação no SUS.

Nós não podemos de maneira nenhuma fazer vista grossa e tapar o sol com a peneira. A questão do aborto no país é uma questão de saúde pública e é uma questão que mata, que tira a vida. Não é só a violência doméstica, a violência sexual, todos os tipos de violência, mas esta violência tem que ser visibilizada, ela tem que sair à luz do..., mas ser governo é isso.

Quando o golpe aconteceu que eu voltei para a sociedade civil eu disse que até 31 de dezembro eu sou ministra de estado da presidenta Dilma. (Palmas) E eu quero aqui, no término dos meus cumprimentos e dos meus reconhecimentos, cumprimentar, em nome de todos os movimentos sociais aqui presentes, a nossa valente, valente companheira Katiuscia Almeida que fez um depoimento muito emocionante aqui. Mas além de emocionante, um depoimento que mostra a realidade das mulheres com câncer no país e como elas enfrentam essa realidade no Sistema Único de Saúde. Guerreira. Força aí, tá? Estamos juntas. Eu também já tive um câncer. O problema da longevidade é isso, a gente sobrevive, mas vai tendo..., mas você ainda é muito jovem. Não precisa ter a doença para ficar bonita, mas já que tem vamos tirar dela as melhoras.

Bem, eu quero dizer para vocês que o momento que nós vivemos hoje todas já disseram aqui. Eu vou tocar em três aspectos. Nós não vivemos numa democracia hoje. Há dois anos que essa democracia foi rasgada e já foi adjetivada aqui por várias companheiras, pela Moema. Eu costumo sintetizar a fala do golpe, sobre o golpe, já tenho dito, ele foi sexista, patriarcal, parlamentar, sem dúvida nenhuma. Mas o de 64 foi parlamentar também. Por quê? João Goulart estava no Brasil. E gritou lá: canalha, canalha, canalha, o Tancredo Neves. E quem foi o mentor desse golpe agora foi o neto dele, do Tancredo Neves, o Aécio E tem parlamentar midiático, judiciário que está totalmente quebrando as instituições brasileiras, financeiro, rentista, midiático, com a Rede Globo, totalmente, 24 horas por dia.

O golpe tem um pano de fundo. Em 64 eles não conseguiram implantar as políticas neoliberais no País. Eles foram de uma violência atroz, mas os militares eram nacionalistas, o que não importa em nada, mas eram nacionalistas. Quando no Chile, na mesma época, o Chicago Boys foram lá e implantaram as políticas neoliberais com o Pinochet. E o pai liberal não conseguiu. O economista Milton Friedman não conseguiu implantar aqui no Brasil. E disseram o seguinte dessa vez, tem que acabar com essa brincadeira do campo esquerdo no Brasil.

Então vamos criar uma ingovernabilidade política para plantar as políticas neoliberais, numa velocidade como nunca aconteceu! Em 2 anos destruíram tudo! Então criaram a ingovernabilidade a partir da eleição da presidenta Dilma, e em 2010 que eu estou falando. Ela tinha popularidade até 2013, com as passeatas de 2013, que ninguém consegue ainda hoje uma análise daquelas manifestações de 2013. E pela

primeira vez na história a Globo suspendeu uma novela e aquele programa que ela tem a tarde Vale a pena ver de novo, para passar as passeatas.

Começa e tem o seu cume na abertura da Copa do Mundo, no Itaquerao, em São Paulo, quando eles mandam a presidenta Dilma tomar no cu. Isso foi a maior violência sexual que fizeram com todas nós mulheres. (Palmas) Não foi só com ela (palmas) não foi com ela só! Mas ela tinha a faixa da República. Então eles vieram.

Aí na eleição de 2014, eles não souberam perder, o projeto deles não passa no processo eleitoral. Aí Aécio comandou, São Paulo e Minas comandaram o golpe, era o golpe neoliberal, porque é a política tucana, neoliberal. Se ganhar, não toma posse; se tomar posse, não governa.

O primeiro Jornal Nacional, quando disse que ela tinha sido reeleita, tem uma voz *in off* falando, que é do Merval, falando: agora começa o *impeachment*. Temos o vídeo. Começam as pautas bombas, a Moema era deputada. Não passava nada. E essa é a crise de governabilidade, tornaram impossível o governo dela. Nós estávamos no Ministério. Quando em 31 de dezembro, de agosto de 2016, rasgam a Constituição, tendo passado por aquela noite de horrores da Câmara, passado o período de afastamento dela. 12 de maio, eles autorizam, 17 de abril é a noite de horrores. 12 de maio o Senado autoriza a abertura do impeachment, ela afastada. É tirado dela, porque eu estava dentro do Alvorada, é tirado dela tudo, até o cartão de crédito do Palácio para comprar comida, até as flores do Alvorada. Foi quando as mulheres brasileiras assumiram o Movimento das Rosas.

Quem viu o filme *O Processo*, a cena que eu apareço com ela, aquela decida na rampa do Planalto, a primeira vez que as mulheres entregam rosas para ela.

Assume o governo de branco, rico, a maioria envelhecidos, velhos, machistas e racistas. A pasta com a foto dela, que tinha nós todas de mulheres, ela rodeada de mulheres do primeiro escalão, deputadas e senadoras.

Bem, acontece o golpe, está aí para a gente ver: a reforma trabalhista acabou; a PEC do congelamento dos gastos é um desastre; a Escola sem partido é uma (inaudível) para a educação brasileira; a reforma da Previdência só não foi feita porque eles trocaram pela intervenção no Rio de Janeiro, (inaudível) Marielle Franco, Marielle Franco vive. (Palmas.) Esse golpe é um golpe neoliberal para no fim... o último capítulo do golpe é (inaudível) o presidente Lula sem crime de responsabilidade. Ah! Esse golpe tem uma característica entreguista: a venda da Petrobras, a venda a Embraer e a venda do solo brasileiro. Gente, não é só isso que nós estamos falando, não, a soberania nacional está vendida, nós não temos mais. O presente espaço aqui, e papa pula para ir lá na Argentina, para ir no Chile, nunca aconteceu isso.

Pré-condenaram, prenderam sem prova nenhuma. O MTST fez o favor de mostrar o apartamento, a (inaudível) teve que assumir que é dela. Ele foi preso em Curitiba sem nenhum crime de responsabilidade, Aécio solto, Temer solto e todos. Tinham que prender alguém, o Cunha.

Então, o Brasil está passando, nesses 2 anos, uma crise política, econômica, social e individual de todas as cidadãs e cidadãos, que já vivemos. Eu vivi o golpe de

64, fui presa, torturada – todo mundo já sabe –, mas nós tínhamos uma causa... tinha botas, assassinava, matava. Hoje, (inaudível) ela não assassina, provoca o suicídio do reitor de Santa Catarina. (Inaudível) foi claro, provocou a morte, o derrame da Marisa Leticia. (Inaudível) começar a dar nome (inaudível)... e os que mataram a Marielle, não tenha dúvida nenhuma, uma mulher negra, lésbica, da favela, valente e com a pauta de direitos humanos que eles odeiam. É muito sério esse momento que nós estamos vivendo. (Inaudível) democracia, e na democracia quem perde é o pobre, a população negra, a população indígena. São os que perdem mais. (Inaudível), por quê? Porque nós somos 52% da população – eu falo uma frase há anos – e mãe da outra metade. E nós estamos nos serviços públicos, em grande maioria. Então, toda essa desgraça da flexibilização do trabalho, da precarização e do corte dos gastos públicos, das políticas sociais, recai sobre nós. (Inaudível) E o patriarcado nada de braçada.

Eu, como sou uma pessoa insistente e acredito na democracia, e mais ainda, que a democracia só será real democracia, se nós radicalizarmos e pautarmos, mais do que nunca (inaudível). A democracia concreta, real, só é democracia, com a igualdade entre homens e mulheres. A igualdade de fato! Porque não temos igualdade de direitos.

Vou citar três questões. Eu consegui, junto com as deputadas... nós, da SPM, conseguimos aprovar (inaudível) uma mulher viver sem violência, que foi implementar, de fato, a Lei Maria da Penha. (Inaudível) aprovar a Lei do Feminicídio, que é a morte de mulheres pelo fato de serem mulheres. (Inaudível) muda no Código Penal: homicídio passa a incorporar a palavra feminicídio. Porque enquanto as nossas mortes, a morte de nossas companheiras, a morte de mulheres estiverem dentro do homicídio, elas são sub... Tanto pelo SUS, como pela Segurança Pública, como pelos dados do IBGE, porque o preenchimento do (inaudível) médico é um horror.

As três ali – que são da área da saúde, elas estão na academia, na área da saúde, na militância, muito mais do que eu hoje, neste momento – sabem como é difícil trabalhar com esses dados sobre morte de mulheres. O feminicídio, pelo menos, procurou colocar a flexão de gênero na lei. A PEC das trabalhadoras domésticas, que foi o início do término da escravidão contra as mulheres negras, dentro das nossas próprias casas. (Palmas) Eu tenho muita honra dessas leis.

Hoje, está absolutamente... Moema, você não queira imaginar, vá numa reunião de trabalhadoras domésticas. É lamentável ouvir as falas delas, é triste. Porque se o legislado vale mais do que o negociado – valia... o negociado é que vale mais sobre o legislado agora. Como é que elas vão, sozinhas, negociar entre quatro paredes com as patroas ou os patrões? Difícilimo, gente! Elas perderam quase todos os direitos.

Emprego? Está mais de 14 milhões! Nós chegamos a ter pleno emprego em 2013, com quatro milhões de desempregados. Olha a diferença para 14 milhões.

Então, a questão da impunidade nos casos de assassinatos de mulheres aumenta imensamente nessa crise. E com uma crueldade enorme são praticados os estupros.

Assassinatos por si só já são de uma crueldade enorme, os estupros estão sendo com requintes de crueldade.

Coisas que nós aprovamos: a cirurgia reparadora no Sistema Único de Saúde para as mulheres vítimas de violência doméstica acabou; o atendimento universal às mulheres vítimas de estupro com a contracepção de emergência para que elas não engravidem do estupro também acabou. O Ministério da Saúde está totalmente entregue às empresas privadas. E as universidades já estão num processo de privatização violenta. E agora, com o ensino à distância, está quase tudo privatizado neste país.

Muito grave a situação, muito grave. E as políticas neoliberais afetam as mulheres sobretudo. E aí o adoecimento de mulheres é muito maior do que dos homens, devido à sobrecarga da dupla jornada que nós carregamos.

Então, neste momento, temos que resgatar a democracia e radicalizá-la. Esta eleição, sem o presidente Lula, será quase fraudulenta, porque ela já é fraude sem o presidente Lula. Mas nós vamos, o campo de esquerda todo vai participar para mostrar que nós somos democráticos e queremos reverter este estado de exceção em que nós estamos hoje.

Nesse caminho, eu vejo as eleições de 2018 nessa perspectiva. Mas eu vejo gravemente essas eleições também porque o *day after*, o dia seguinte dessas eleições, se ganhar o Lula ou o Haddad, não vai ser brincadeira, não. Com esse Congresso que nós temos, para reverter todas essas medidas que em 2 anos foram implementadas, coisa que os nossos governos não conseguiu fazer, o marco regulatório das mídias, a taxação dos mais ricos e a taxação de heranças, porque riqueza, como diz o Piketty, é patrimônio e renda. Ou você taxa patrimônio e renda e altas rendas e não taxa salário, quem vive de salário. O imposto tem que cair, Moema. Vai ser muito difícil, muito receio desse Congresso novo. O Senado, pelo menos está dando uma, a gente, até hoje configura um cenário com uma composição mais comprometida, mais democrática, do campo democrático. Mas a Câmara não!

Então, eu sou daquelas que defendem, imediatamente, ganhando a eleição, sou daquelas que defendem, imediatamente, a convocação de uma constituinte. (Palmas) Porque não é possível! Não é possível! Nós mulheres sabemos da nossa força. E agora, por causa desse fundo eleitoral, todos os partidos bonitinhos estão pondo, a maioria deles, estão pondo vice mulher. Eu quero mulheres comprometidas! Eu não quero mulheres para ganhar o fundo eleitoral como vice!

Dessa maneira, eu sou uma pessoa esperançosa, esperança do movimento, eu não tenho aquela esperança daquele cartaz que nós fizemos, antigamente, de que nós não queríamos sentar na cadeira de balanço – e não queremos, definitivamente. Eu tenho certeza, os estados do Nordeste, e especialmente a Bahia, são estados, no Brasil, de uma população empobrecida, mas riquíssima, riquíssima. Um estado de resistência, porque resistir na vida é a maior força que homens e mulheres podem ter, e mulheres sobretudo. Porque aquela mulher que carregava lata na cabeça e agora tem a cisterna para pegar água, aquela mulher é diferente. Aquela trabalhadora rural a quem eu entreguei, neste estado, numa política do MDA, o milionésimo RG, uma

trabalhadora doméstica, a Lucinha estava lá... Imaginem, mulheres que não têm carteira de identidade não são cidadãs.

Eu faço, aqui, um apelo, um convite para que as mulheres candidatas, a equipe das mulheres candidatas e dos homens mais avançados façam uma pauta feminista. (Palmas) Que façam uma pauta feminista, mas não apenas a pauta feminista: o mandato tem que ser um mandato feminista! (Palmas) Porque fazer a pauta feminista todo mundo faz. Porque fazer um mandato como o seu, Maria del Carmen, que eu vi aqui, é muito difícil. Um mandato como o dessa baixinha. Eu tenho até hoje uma estrela vermelha, cheia de lantejoulas e coisinhas, que ela me deu uma vez, quando nós estávamos para ser golpeadas e fizeram uma homenagem para mim lá. Só que eu tirei o de dentro, que era para pôr uns quitutes, mas eu pus uma bela vela roxa, ficou lindo!

Então, assim, façam os mandatos e exijam dos deputados e das deputadas que forem eleitos por quem vocês estiverem trabalhando, ou que trabalharam, que esse mandato seja de prioridade com a pauta feminista. E a pauta feminista não é difícil, dura, porque ela é: a garantia dos direitos sexuais e reprodutivos. E nós temos que explicar que direitos sexuais e reprodutivos não são só legalização e descriminalização do aborto. Não é, gente! A sociedade precisa se abrir para o exercício da sexualidade; é o grito da população LGBTI para exercer com dignidade a sua vida; é o direito das héteros de terem filhos com a garantia de que não vão morrer no parto, que vão ter um pré-natal. Enfim, isso são direitos reprodutivos também.

Também no Parlamento pode falar de descriminalização do aborto, avançar nos abortos legais, nos serviços de abortos legais aqui, e pautar a descriminalização. Nós temos que ousar, enfrentar essa discussão, retirá-la do STF só. Pode perder, como na Argentina, mas a gente entra numa coisa para ganhar ou para perder.

É o resgate da política nacional de enfrentamento à violência contra as mulheres, porque isso é resgate, porque pela primeira vez nós tivemos uma política universal e integral de enfrentamento à violência contra as mulheres. A Casa da Mulher Brasileira, em São Paulo, eu deixei prontinha, com o dinheiro todo repassado. Ela está em volta de mato. Dinheiro público! As mulheres continuam a ser estupradas, assassinadas, e lá, uma barbaridade.

É a questão contra a cultura do estupro, essa luta que eu enfrentei, que eu assumi contra o escroto do Alexandre Frota, foi uma luta (palmas) por todas as mulheres, foi contra a cultura do estupro, gente.

A terceira questão: trabalho igual, salário igual. Gente, nós estamos no século XXI. Está na Constituição Brasileira, mas não é aprovada, porque não é regulamentada, porque a mão do mercado não permite. É ou não é? Então, não é só a questão do aborto que a gente não passa lá, não, a questão do trabalho igual, salário igual também não passa.

E a escola sem partido. Que sem partido o quê? Nós temos, sim, uma ideologia e nós queremos discutir orientação sexual, nós queremos discutir sexualidade, nós queremos discutir violência contra as mulheres, nós queremos discutir autonomia

econômica das mulheres, nós queremos discutir mulher na política, onde ela quiser estar.

Eu termino dizendo para vocês que aqui é um estado onde a população negra é protagonista, é fundamental. A Bahia é a síntese do Brasil, e as mulheres negras são as que mais morrem no Brasil, gente.

Nós temos que transformar essa palavra de ordem *Lula Livre*, sempre lembrando: ele é inocente, e ele, como presidente, é o único que tem condições de reverter. E é o único que tem condições de ouvir as demandas dos movimentos sociais, as demandas das mulheres. Nós temos que dizer o que nós tínhamos e o que nós perdemos depois.

Terminando, para o neoliberalismo, as mulheres servem... como se diz, *empower* das mulheres, porque no Brasil não tem missão, virou empoderamento, que é uma palavra que a gente não sabe nem o que é. O que é empoderamento das mulheres? A presidente da TAM é uma mulher, e nós vamos falar que representa as mulheres brasileiras! Não é.

Então, o neoliberalismo tem essa simbologia, esse significado, símbolo das mulheres poderosas: são as mulheres ricas, são as mulheres da elite brasileira, de 5% da elite brasileira.

Nós temos que destrinchar esse golpe. Nós temos menos de 40 dias. E eu aceitei... eu estou na coordenação da campanha da presidenta Dilma porque eu tenho convicção - tenho provas, também -, certeza e um lado afetivo muito grande de ela ganhar em Minas Gerais. E grande, porque ela já espancou o Aécio lá para deputado federal, porque ele não está nem na lista. (Palmas)

Ela impediu a aliança com o PMDB, parte do PMDB mineiro, que diz que não é golpista. Então, tem um símbolo para nós, mulheres, a eleição dela e bem eleita, que é a volta do cipó de aroeira, na cidade dela, no estado dela.

Ela foi lá no laboratório do golpe para derrotar os dois golpistas. O escrivão do golpe, que é o Anastasia, e o mentor do golpe, que é o Aécio. Então, a eleição dela lá, e é por isso que eu estou coordenando aquela campanha, tem um significado muito grande para as mulheres brasileiras, como o golpe teve, bateu em nós, mulheres brasileiras. A eleição dela para o Senado no estado dela, derrotando os dois do golpe, tem um significado fortíssimo para as mulheres brasileiras. Não é só para as mulheres mineiras, para as mulheres brasileiras, porque a Dilma, hoje, é brasileira. Ela não é do Rio Grande do Sul, ela é brasileira.

Então, eu tenho certeza de que ela terá uma excelente votação, e ela irá para o Senado, e vai infernizar lá no Senado. Eu tenho certeza, eu digo isso com toda a minha lealdade à pauta feminista, que nós teremos nela uma aliada de primeira ordem porque ela, no parlamento, será a Dilma Rousseff. (Palmas) E eu conheço muito bem.

Então, eu termino aqui... “Da pátria brasileira, Dilma, guerreira; da pátria brasileira.” Eu termino aqui dizendo a todas vocês, em nome da deputada Maria del Carmen, que eu não tenho outra palavra para dizer que não seja sobre a minha emoção, a minha alegria. Muito obrigada, do fundo do meu coração. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula):- Concluindo, ouvimos aí a banda... no grupo, aí, a mulherada. Quero dizer que, em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a presença das deputadas estaduais, autoridade, dos amigos, das senhoras e senhores e declaro encerrada presente sessão.

Queria pedir que Eleonora leve para a presidenta Dilma, nossa eterna presidenta, um abraço das mulheres da Bahia e diga que estamos... diga a elas, Eleonora. Diga para (inaudível)... (Palmas)

Agora vou chamar todas aqui (inaudível)...com ela, com a Eleonora. Depois teremos um coquetel lá fora esperando por nós.

Quero agradecer a nossa equipe, a toda assessoria e, de forma especial, a Amanda, que coordenou o trabalho para realização desta sessão.

Quero deixar aqui registrado a presença da deputada, hoje secretária de Desenvolvimento Econômico, Luiza Maia.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.